

ISSN: 2316-6517

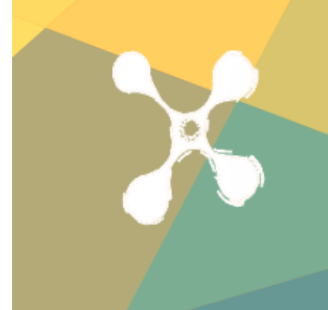


**International Journal of Knowledge  
Engineering and Management**

v. 13, n. 35, 2024.



[ijkem.ufsc.br](http://ijkem.ufsc.br)



## **CRISE NO FOTOJORNALISMO? CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NO MERCADO DE TRABALHO NO AMBIENTE DE CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA**

**ANDERSON JOSÉ DA COSTA COELHO**

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

[andersoncoe@gmail.com](mailto:andersoncoe@gmail.com)

ORCID: 0000-0001-7886-0498

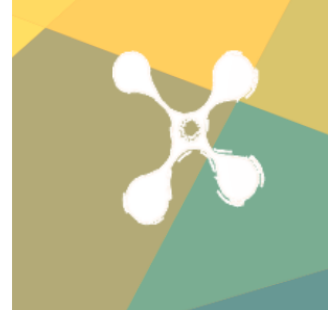
**FLÁVIA GARCIA GUIDOTTI**

Doutora em Educação; Professora do Curso de Jornalismo  
e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

[flaviagguidotti@gmail.com](mailto:flaviagguidotti@gmail.com)

ORCID: 0000-0002-8974-1256



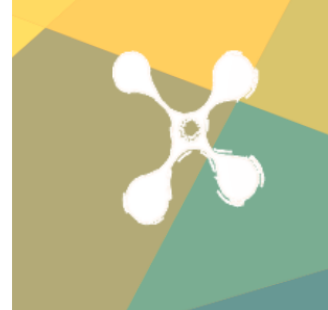


## CRISE NO FOTOJORNALISMO? CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NO MERCADO DE TRABALHO NO AMBIENTE DE CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA

### Resumo

**Objetivo:** Este artigo analisa o processo de convergência midiática e seus impactos nos modos de trabalho dos fotojornalistas. **Design | Metodologia | Abordagem:** Com base em relatos de profissionais no *podcast* “Boletim do Martin” (2021) e nos relatórios *The State of News Photography* (2015 e 2018), utilizando como metodologia a Análise Estrutural do Podcast (Silva, 2022) e a Análise de Conteúdo (Bardin, 2006), estabelecemos um paralelo comparativo da situação de fotojornalistas brasileiros e estrangeiros e suas relações com o trabalho. **Resultados:** Como resultado, verificamos que o ambiente de convergência impõe condições desafiadoras aos profissionais do fotojornalismo. **Originalidade | Valor:** No entanto, esses profissionais demonstram uma relação muito próxima com sua profissão e, mesmo apresentando dificuldades laborais, estão satisfeitos com seu trabalho.

**Palavra-chave:** Jornalismo, Fotojornalismo, Convergência Midiática, Condições de Trabalho.



## **CRISIS IN PHOTOJOURNALISM? CONSIDERATIONS ON THE TRANSFORMATIONS IN THE JOB MARKET IN A CONVERGENT MEDIA ENVIRONMENT**

### **Abstract**

This article analyzes the process of media convergence and its impacts on photojournalists' work methods. Drawing on reports from professionals in the podcast "Boletim do Martin" (2021) and the reports The State of News Photography (2015 and 2018), using Structural Podcast Analysis (Silva, 2022) and Content Analysis (Bardin, 2006) as methodologies, we compare the situations of Brazilian and foreign photojournalists and their working relationships. As a result, we found that the convergent media environment imposes demanding conditions on photojournalism professionals. However, these professionals demonstrate a very close relationship with their profession and, despite facing labor difficulties, are satisfied with their work.

**Keywords:** Journalism, Photojournalism, Media Convergence, Working Conditions.

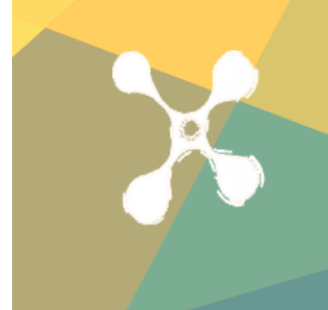


## 1. Introdução

O processo de convergência midiática é um paradigma dinâmico e em constante transformação. Cada vez mais, as reportagens integram elementos interativos como fotografia, vídeo, jogos, realidade virtual e *podcasts*, oferecendo uma ampla gama de possibilidades que oferecem uma experiência imersiva ao espectador. No entanto, antes desse cenário de múltiplas opções digitais, existiam os suportes analógicos, que possuíam pouca mobilidade e seguiam um formato linear. Atualmente, com o avanço da digitalização no jornalismo, os formatos são ágeis, interconectados e estruturados de maneira não linear, sendo esse o contexto em que se insere a investigação apresentada.

Este artigo tem como objetivo investigar como o fotojornalismo foi impactado e revisitado, tanto em suas práticas quanto em suas relações de trabalho, à luz das teorias atuais dos estudos de jornalismo (Deuze, 2005). A convergência digital afetou diretamente o fotojornalismo, não apenas em termos de linguagem, mas também nas rotinas de produção de notícias, que foram intensamente reconfiguradas.

Antes desse processo, a reportagem fotográfica era um ramo específico da fotografia, cuja função era transmitir notícias por meio de imagens estáticas, sempre vinculada de forma ética aos fatos. Com as novas possibilidades tecnológicas, novas ferramentas, suportes e mídias foram agregados, levando a fotografia a se tornar apenas uma das várias opções dentro da estrutura de uma webreportagem. A digitalização afetou profundamente as práticas e culturas das instituições jornalísticas (Steensen & Ahva, 2021), gerando uma crise de identidade no fotojornalismo, impulsionada pela convergência digital – “um



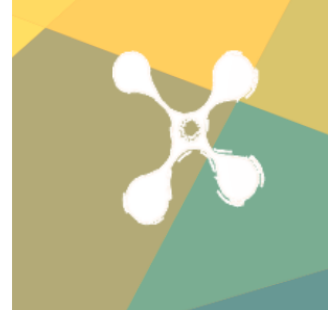
fenômeno que se manifesta em inúmeros veículos jornalísticos, condensando as dinâmicas em torno das tecnologias da informação, telecomunicações e mídia” (Silva Junior, 2011).

Com a inovação, as mudanças na linguagem visual foram significativas. Inicialmente, houve uma transposição quase integral das imagens do meio impresso para o digital. Com o avanço tecnológico, o webjornalismo passou a explorar uma variedade de recursos multimídia, incluindo áudio, texto, fotografias, vídeos convencionais e experiências imersivas. Essa evolução impactou significativamente o fotojornalismo, que passou por uma reestruturação em seus métodos de produção, distribuição e apresentação de imagens.

Assim, retomamos o questionamento central deste artigo: em que medida as transformações trazidas pelo meio digital afetam o exercício do fotojornalismo e suas relações de trabalho?

O fotojornalismo, por sua natureza intrinsecamente ligada às inovações tecnológicas, sempre esteve sujeito a modificações em sua linguagem. De acordo com Charron e Bonville (2021), embora os estudos em jornalismo sejam frequentemente considerados como algo estático e cristalizado ao longo do tempo, os autores reconhecem a mutabilidade da língua, da cultura e da sociedade. O que alguns veem como inovação, outros podem interpretar como crise. Contudo, o fotojornalismo, assim como o jornalismo em geral, está em constante evolução, sem alterar sua essência.

Como objeto empírico de pesquisa, este artigo analisou episódios do podcast Boletim do Martin, de Pedro Chavedar, veiculado em 2021 na plataforma Spotify. Com 33 episódios, o autor entrevista fotojornalistas brasileiros de diversos setores da imprensa sobre suas pautas e práticas de trabalho. Foram analisados cinco episódios, que foram confrontados com os dois relatórios citados, que abordam as condições de trabalho de fotojornalistas ao redor do mundo.



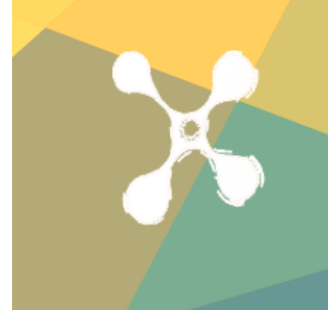
A partir desse material, buscamos compreender os paradigmas atuais do fotojornalismo, as mudanças na linguagem conceitual e os desafios enfrentados na prática jornalística. Dessa forma, o presente artigo investigou as correlações entre as mudanças nas práticas de trabalho no fotojornalismo e o aprofundamento do uso do meio digital no jornalismo, ressaltando a crescente necessidade de compreensão desses processos no contexto dos ecossistemas midiáticos contemporâneos.

## **2. Fotojornalismo e convergência digital**

A prática do fotojornalismo sempre esteve aliada às constantes evoluções tecnológicas e mudanças sociais. Assim, o exercício do jornalismo foi diretamente afetado pela convergência digital, pois além da linguagem, a rotina de trabalho e suas relações foram intensamente reorganizadas.

O fotojornalismo é o ramo que busca, através da imagem, um equilíbrio entre “a busca da objetividade e a assunção da subjetividade e do ponto de vista, entre o realismo e outras formas de expressão [...] entre o valor noticioso e a estética” (Sousa, 2004, p. 14). Assim, ao longo da evolução da linguagem, o fotojornalismo se estabelece como ramo da fotografia que transmite a notícia por imagens estáticas, vinculada de forma ética aos fatos ocorridos, no entanto, encontra-se na fronteira entre a arte e a subjetividade, por utilizar um suporte de código aberto (a imagem). Dadas as novas possibilidades tecnológicas, o fotojornalismo tornou-se receptivo a agregar novas ferramentas, suportes e mídias, assim entrando numa nova seara onde a fotografia não é mais o elemento principal (ou estático), mas sim uma das várias possibilidades em uma reportagem.

Dessa forma, o fotojornalismo vive hoje um momento singular, entre a crise de identidade e uma nova reconfiguração, devido ao contexto de convergência, que é “um fenômeno que



se implementa em numerosos veículos jornalísticos, condensando as dinâmicas em torno das tecnologias da informação, telecomunicações e de mídia” (Silva Junior, 2011, p.33).

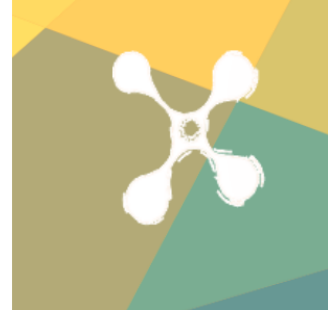
A convergência no jornalismo e sua produção não é um processo estático, nem abrange apenas o resultado final. Ela altera toda a cadeia produtiva, desde os financiadores dos meios de comunicação, a estrutura tecnológica para a produção jornalística, as plataformas onde o conteúdo é publicado, até as rotinas de trabalho dos profissionais responsáveis pela elaboração dos conteúdos. No caso do fotojornalista, ele agora precisa adaptar-se a esse novo cenário, produzindo material e interagindo com novos suportes. Certamente, essas alterações na estrutura produtiva do jornalismo refletem diretamente em sua recepção e consumo (Jenkins, 2009; Silva Junior, 2011).

A partir do processo de entrada do digital no fotojornalismo, iniciou-se um processo de reconfiguração do fotográfico, métodos de trabalho e de toda a cadeia de produção, publicação e divulgação das imagens jornalísticas. Pois a digitalização afetou profundamente as práticas e culturas das instituições jornalísticas (Steensen & Ahva, 2021), a grande dúvida é como o fotojornalista se posiciona diante do novo paradigma.

Nesse processo de transformação, o fotojornalista, que antes recebia uma pauta fechada do editor de fotografia, realizava uma série de fotografias para algumas serem aproveitadas na edição impressa; agora precisa desempenhar múltiplas funções, construir a pauta, fazendo, além da cobertura fotográfica tradicional, transmissões ao vivo, fotografias para abastecer as mídias sociais, captura e edição de vídeos para as redes, enfim, produzir uma série de conteúdos que vão além de sua função convencional de repórter fotográfico.

Esse panorama leva em consideração o fotojornalista que possui um vínculo formal em uma redação; e também os profissionais que atuam como *freelancers*, sem vínculo formal, trabalhando por pauta ou participando de projetos e editais. Essas novas configurações dos



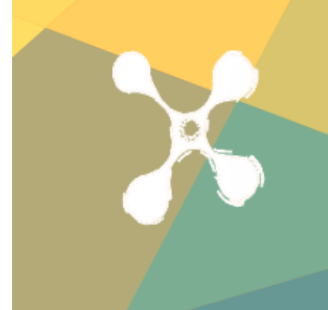


vínculos de trabalho têm um impacto direto, especialmente na linguagem e nas práticas do fotojornalismo, dentro do processo de convergência.

A ligação cada vez mais profunda entre a tecnologia e o jornalismo transformou a produção, a distribuição e o consumo de notícias, dando origem a formas de trabalho que estão inerentemente ligadas à tecnologia e alterando a forma como os acadêmicos estudam o jornalismo. Assim, as últimas inovações se entrelaçam com o jornalismo, não como uma influência unidirecional, mas numa interação dinâmica, moldando e sendo moldada por estruturas sociais, valores culturais e práticas organizacionais dentro do campo jornalístico (Zamith & Braun, 2019). Na próxima seção, exploramos novas percepções do trabalho no fotojornalismo à luz da convergência e seus impactos na estrutura laboral.

### **3. Novas percepções sobre os modos de trabalho no fotojornalismo com o processo de convergência midiática**

Com o advento do processo de digitalização e convergência, ocorreram mudanças significativas nas condições de trabalho dos fotojornalistas. De maneira geral, a natureza do trabalho mudou com a introdução de novas tecnologias e plataformas, exigindo uma rápida adaptação por parte dos profissionais. Segundo o relatório elaborado pelo *World Press Photo*, *University of Stirling* e *Oxford University's Reuters Institute for the Study of Journalism*, intitulado *The State of News Photography: The Lives and Livelihoods of Photojournalists in the Digital Age* (2018) – em livre tradução: O estado da fotografia jornalística: Meios de subsistência dos fotojornalistas na era digital –, os fotojornalistas profissionais encontram-se em situação de vulnerabilidade, situação que muitas vezes, está vinculada ao país onde estão baseados. A maioria trabalha de forma autônoma (60%) e, se pudessem, 93% dos profissionais se dedicariam exclusivamente à fotografia. No entanto, um terço acumula funções de fotógrafo e cinegrafista por necessidade (Hadland, Campbell

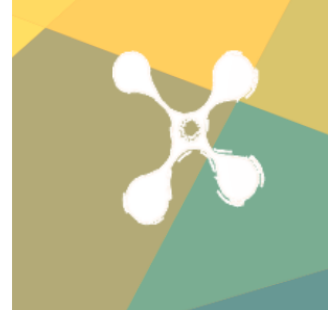


& Lambert, 2015). Os dados foram coletados com mais de 1500 fotojornalistas de mais de 100 países durante o certame do *World Press Photo* de 2015, através de um questionário *online*.

A transição para plataformas de trabalho digitais impôs aos profissionais novas realidades, transformando significativamente suas condições de trabalho. Hoje, grande parte dos repórteres fotográficos atua como *freelancer* (Hadland, Campbell & Lambert, 2015), e no contexto brasileiro, a realidade não é diferente, conforme aponta o Perfil do Jornalista Brasileiro (Lima & Mick, 2021). A pesquisa, realizada em escala nacional, revela que "a 'crise' ou a (in)sustentabilidade do jornalismo atual é o aspecto mais visível de uma cadeia de relações sociais afetadas por fenômenos tecnológicos, estéticos, econômicos e políticos" (Lima & Mick, 2021, p.19). Ou seja, trata-se de um fenômeno de grande escala que impacta toda a classe jornalística, incluindo os fotojornalistas. Essa crise é marcada não apenas por questões financeiras e tecnológicas, mas também por aspectos ontológicos, afetando o próprio processo de realizar a atividade jornalística. Esses fatores influenciam diretamente as organizações de trabalho e suas relações.

Além da escassez de vagas formais no fotojornalismo, muitos profissionais enfrentam dificuldades para receber pagamentos justos por seus serviços. Segundo o *The State of News Photography: Photojournalists' Attitudes Toward Work Practices, Technology and Life in the Digital Age* (2018), cerca de 40% dos fotojornalistas entrevistados afirmaram que sua situação financeira é "difícil" ou "muito difícil" (Hadland & Barnett, 2018). O relatório revela ainda que o número de fotógrafos de notícias trabalhando em tempo integral com fotografia caiu de 74% em 2015 para 59% em 2018 (Hadland, Campbell & Lambert, 2015; Hadland & Barnett, 2018).

Em meio a esse cenário de precarização das condições formais de trabalho e da falta de estabilidade financeira, a convergência digital impõe uma pressão adicional por constantes

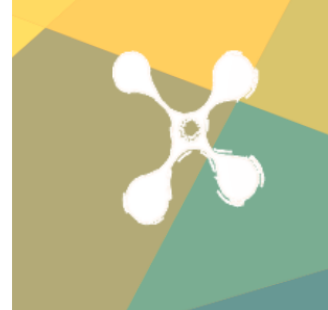


atualizações tecnológicas e de saberes necessários para exercer a profissão. A popularização de drones nas reportagens é um exemplo disso. Além de dominar a fotografia, os profissionais agora precisam estar familiarizados com uma ampla gama de novos dispositivos de captação de imagens, além de possuir domínio de softwares de edição e plataformas de mídias sociais.

Segundo Hadland (2018), os fotojornalistas imersos no processo de convergência precisam ser mais adaptáveis às novas circunstâncias, aceitando trabalhos que nem sempre envolvem o jornalismo de forma direta, como a docência, participação em editais e exposições. Além disso, é crucial manter uma presença ativa nas redes sociais para aumentar a visibilidade, o que, em tese, pode atrair mais oportunidades de trabalho.

Outro aspecto interessante relacionado ao processo de convergência é que os fotojornalistas entrevistados relataram ser cada vez mais pressionados pelos contratantes a realizar gravações de vídeo, embora preferissem apenas fotografar. Cerca de 40% dos entrevistados afirmaram essa preferência (Hadland, 2018). A experiência pessoal dos autores deste artigo confirma que muitos acabam integrando vídeos em suas produções por uma questão de sobrevivência, além de se adaptarem a outros diversos formatos. No entanto, como aponta o relatório, essa entrega adicional de material nem sempre é devidamente remunerada (Hadland & Barnett, 2018), resultando em uma dupla carga de trabalho, muitas vezes sem a compensação financeira adequada.

À medida que exploramos o ecossistema jornalístico digital, é fundamental investigar suas transformações para garantir a sobrevivência do fotojornalismo, que enfrenta um cenário desafiador devido à digitalização e à convergência, conforme destacado por Hadland (2018). Os dados revelam que o fotojornalismo está em uma posição delicada e vulnerável do ponto de vista laboral, com cerca de 65% dos entrevistados relatando exaustão em relação ao ritmo das mudanças tecnológicas (Hadland & Barnett, 2018).



Apesar desses desafios, muitos veem as novas condições como uma oportunidade para inovação e criatividade. Nesse contexto, a cultura visual desempenha um papel essencial, indicando a crescente demanda por narrativas visuais profundas e de qualidade.

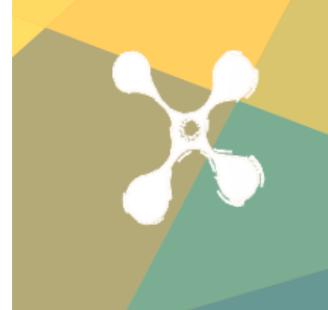
Esses tópicos serão abordados com mais profundidade na próxima seção do artigo, que analisa o *podcast* Boletim do Martin através dos depoimentos dos entrevistados.

#### **4. Análise do *podcast* Boletim do Martin**

Nesta seção, empregamos a Análise Audioestrutural do Podcast (AAP), metodologia desenvolvida por Gessiela Silva (2022) e aplicada ao *podcast* Mamilos, para analisar o Boletim do Martin e situar o fotojornalismo brasileiro no contexto global, apresentado na seção anterior com base nos relatórios *The State of News Photography*. Essa abordagem nos permite identificar as principais discussões e tendências abordadas no *podcast*, possibilitando uma comparação com o cenário internacional do fotojornalismo.

O percurso metodológico percorreu inicialmente três etapas: revisão bibliográfica, que estabeleceu o estado da arte sobre o tema; documental, que buscou fontes externas ao *podcast* para melhor contextualizar o objeto de estudo; e exploratória, que ajudou a selecionar o *corpus* empírico.

A Análise Audioestrutural exigiu a catalogação dos temas, a definição clara dos conteúdos a serem coletados e a realização de conexões com os aspectos previamente pesquisados, como as condições de trabalho dos fotojornalistas e a tendência de convergência midiática. Assim, analisamos as características gerais do *podcast*, incluindo temas, apresentação, estrutura, tipo, periodicidade, duração, espaço de circulação, plataformas, participação, design do programa e associação, de acordo com a tipologia de classificação de áudio estabelecida por Silva (2022).



**Quadro 1** - Dados básicos do *podcast* Boletim do Martin

Ano	2021
Estrutura	Entrevista / Debate
Espaço de circulação	Multiplataforma
Tipo	Única temporada
Periodicidade	Semanal
Apresentação	Pedro Chavedar
Participação	Espontânea simples
Plataformização	Instagram
Duração	Média-metragem
Design do Programa	Capa temática com retrato do entrevistado
Associação e vínculos	independente

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

O Boletim do Martin foi lançado em março de 2021 e seguiu até outubro do mesmo ano. Geralmente publicado às sextas-feiras, o *podcast* tinha como objetivo promover um diálogo entre profissionais da fotografia e apresentar seus cotidianos e dilemas.

“Tenho a honra de apresentar para vocês o Boletim do Martin, o *podcast* de fotografia para inglês ver. Você pode não ter entendido esse nome, mas aguarde que vou te explicar. A referência é uma homenagem ao fotógrafo inglês Martin Parr” (Boletim do Martin, 2021). Assim começava, em meio à pandemia de COVID-19, um dos poucos podcasts dedicados exclusivamente ao fotojornalismo e à fotografia documental. Produzido de maneira independente pelo fotojornalista Pedro Chavedar, natural de Mogi das Cruzes, o Boletim do Martin contou com sua total responsabilidade na produção, edição e finalização. A maioria



dos entrevistados era parte de seu círculo profissional, o que facilitou a fluidez das conversas e o compartilhamento de experiências.

O *podcast* teve duração de sete meses, quando foram compartilhados 33 episódios, 27 regulares e seis episódios extras. Entre os 27 episódios regulares, 16 contaram com entrevistas com fotojornalistas, representando 59,26% do total. Esses profissionais se identificavam como fotojornalistas e documentaristas. Outros cinco episódios (18,56%) foram dedicados a fotógrafos documentais. Em menor número, foram entrevistados três artistas (11,11%), dois fotógrafos de esporte (7,41%), e uma curadora (3,70%).

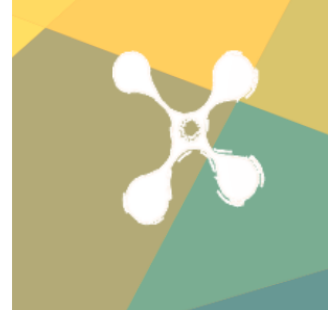
Com periodicidade semanal e duração média de uma hora, se enquadrando, portanto, na categoria de média-metragem, os episódios eram disponibilizados nas plataformas *Spotify*, *Podtail* e *Apple Music*. O *podcast* não possui um site próprio, mas mantém um perfil no *Instagram* (@boletimdomartin), onde foram anunciados os episódios e entrevistados.

A identidade visual do projeto é simples, com uma capa nas plataformas de áudio e no Instagram, apresentando a imagem do fotógrafo documental Martin Parr, que inspirou o título do *podcast*.

**Figura 1** - Capa do *podcast*



Fonte: Spotify (2021)



O fundo da imagem é uma vibrante colagem que combina uma cidade moderna com arranha-céus e um campo de flores colorido, refletindo o contato íntimo de Parr com o “kitsch”, um tema amplamente explorado em sua obra. O título, *Boletim do Martin*, aparece em branco sobre um fundo azul-turquesa na parte inferior da imagem. Abaixo, o texto “fotografia para inglês ver” faz um trocadilho com uma expressão idiomática brasileira, refletindo a abordagem do fotógrafo e servindo como *slogan* do *podcast*. As fotos dos convidados são exibidas em preto e branco e em cores, como podemos observar no mosaico apresentado na figura 2.

Ao estabelecer o primeiro quadro de análise, verificamos que o *podcast* possui um formato de entrevistas, que se mantém ao longo dos episódios. A estrutura básica dos episódios consiste, portanto, em uma conversa conduzida por Chavedar, que demonstra um amplo conhecimento sobre o trabalho e a trajetória dos entrevistados. Os temas abordados incluem o histórico do entrevistado, suas percepções sobre a profissão, motivações, e relatos de experiências no campo. Muitos dos entrevistados, incluindo o apresentador, iniciaram suas carreiras na fotografia durante os protestos de 2013. Esse momento se tornou uma marca significativa, por isso frequentemente fala-se em “geração de fotojornalistas de 2013” (Boletim do Martin, 2021).

Embora o programa tenha durado menos de um ano, conseguiu contemplar fotógrafos de várias partes do país, trazendo uma diversidade de vivências no campo da fotografia no Brasil. Além disso, o projeto contou com a participação de fotógrafos consagrados e de talentos em emergência. Pedro Chavedar (2024) explicou que decidiu não se restringir apenas ao “grande escalão da fotografia nacional”, buscando incluir profissionais promissores que, embora já estejam se destacando, ainda estão em ascensão no campo.



4.1 Boletim do Martin: Conversas sobre o cotidiano do fotojornalismo brasileiro

De um universo de 33 episódios, restringimos nossa análise a cinco episódios pelo fato de neles haver depoimentos que interessam à discussão que está sendo proposta aqui, ou seja, a crise do mercado de trabalho fotojornalístico. Desses, quatro são do fluxo periódico, contendo entrevistas com fotógrafos; e um é um episódio especial sobre violência. Na sequência os episódios selecionados foram analisados com inspiração no método de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2006).

Quadro 2 - Caracterização dos episódios analisados

Data	Episódio	Tema	Entrevistado	Duração
23/04/2021	#06 - Amazônia e Covid-19 em Manaus	Segurança	Raphael Alves	25min
07/07/2021	Especial - A violência contra a imprensa no #3J	Segurança	Jardiel Carvalho, Amauri Nehn e Karina Iliescu	37min
16/07/2021	#015 - Crise no Jornalismo, fundação da Mídia Ninja e a fotografia documental no Brasil	Crise	Rafael Vilela	1h 08min
30/07/2021	#017 - A fotografia gaúcha e o hard news	Crise	Anselmo Cunha	56min
01/10/2021	#026 - Junho de 2023 e a Folha de S. Paulo	Crise	Jardiel Carvalho	1h 08min

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.





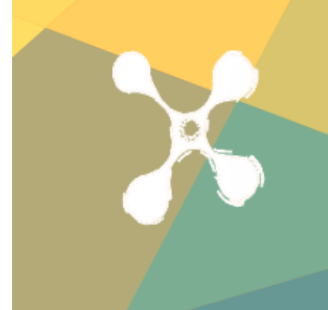
**Figura 2** - Capas dos *podcasts* analisados



Fonte: Spotify (2021)

A escolha desses episódios se baseou na prioridade dos temas estudados, uma vez que todos eles abordam as condições laborais dos fotojornalistas, nos permitindo dissertar sobre a crise em curso.

Os episódios "#06" e "A violência contra a imprensa no #3J" evidenciam claramente as situações extremas às quais os fotojornalistas são expostos durante suas coberturas. Esses dois episódios apresentam estruturas diferentes: enquanto o episódio #06, que traz uma entrevista com o repórter fotográfico Raphael Alves, faz parte da programação regular do *podcast*, o episódio especial, "A violência contra a imprensa no #3J", foi produzido exclusivamente para abordar os ataques diretos à imprensa durante manifestações.



No episódio #06, Pedro Chavedar inicia com uma introdução que se assemelha a uma vinheta, apresentando o *podcast* e o entrevistado, Raphael Alves. Nascido em Manaus, o repórter atuou nos principais jornais da cidade, atualmente colabora com a Agência EFE e é fotógrafo do Tribunal de Justiça do Amazonas. Em uma conversa de aproximadamente 25 minutos, Alves discute sua trajetória no fotojornalismo, desde suas primeiras pautas até coberturas mais elaboradas, além de seus projetos autorais. Ele também menciona sua formação acadêmica, destacando a especialização em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina e o mestrado em Fotojornalismo e Fotografia Documental pela *University of the Arts*, em Londres.

Na segunda parte do episódio, Raphael Alves detalha sua atuação na cobertura da pandemia de COVID-19 em Manaus, um dos epicentros da crise sanitária no Brasil. As imagens dessa cobertura integram seu projeto autoral "Insulae". Durante sua fala, Alves relata as dificuldades logísticas enfrentadas, como as grandes distâncias na Amazônia e o acesso restrito a terras indígenas. Além disso, ele compartilha como a pandemia o impactou, pois ao mesmo tempo em que realizava a cobertura jornalística do caos social instaurado pela COVID-19 em Manaus, vendo pessoas morrendo em suas casas e sendo enterradas em valas comuns no cemitério, tinha que lidar com a doença em sua própria família, com parentes internados e entubados (Boletim do Martin, 2021).

Embora a cobertura da COVID-19 represente um evento atípico, Raphael Alves enfatiza o impacto psicológico duradouro nos profissionais que estiveram na linha de frente, destacando a dificuldade de manter a sanidade emocional diante da tragédia. A experiência de Alves reflete uma tendência mais ampla, na qual fotojornalistas enfrentam desafios físicos e emocionais superiores aos de outros trabalhadores da imprensa (Hadland, Campbell & Lambert, 2015; Hadland & Barnett, 2018).

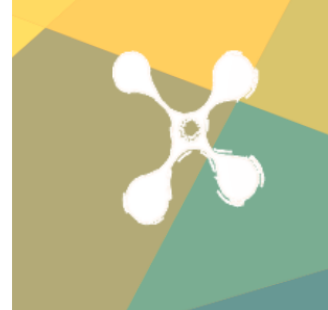


Um dado revelador é apresentado por Alves (2021): “60 ou 70% das coberturas que faço são por impulso documental, sem receber nada por isso”. O que o motiva, segundo ele, é a singularidade de documentar um evento histórico tão impactante quanto a pandemia de COVID-19.

O segundo episódio analisado, “A violência contra a imprensa no #3J”, começa com uma trilha sonora tensa e delicada, que cede lugar à voz grave do apresentador, Pedro Chavedar. Ele narra os acontecimentos de 3 de julho de 2021, quando milhares de pessoas foram às ruas, em São Paulo, protestar contra o presidente Jair Bolsonaro. Nesse contexto, muitos fotógrafos estavam presentes para registrar o evento. Desde os protestos de 2013, é comum a presença de fotojornalistas nessas manifestações, mas, naquele dia, os jornalistas se tornaram alvo direto de violência. A abertura do episódio é narrada por Chavedar da seguinte forma:

Sábado, 03 de julho, milhares de pessoas foram para as ruas pedir a saída do presidente Jair Bolsonaro. Obviamente em São Paulo, não seria diferente, milhares de pessoas se reuniram no MASP, na Av. Paulista contra o Bolsonaro. Havia partidos políticos, dezenas de movimentos sociais, pessoas independentes e claro a imprensa. Dezenas de fotógrafos percorriam a avenida atrás de suas imagens. Desde 2013, é muito comum fotógrafos e fotógrafas nos protestos, é supernormal ficar perto do acontecimento [...] Dentro desse cenário, muitas das vezes a imprensa acaba sofrendo repreensão (Chavedar, 2021).

Esse relato, que se estende ao longo do episódio, explica como, desde os protestos de 2013 em São Paulo, a presença de fotojornalistas tornou-se comum, inclusive com a participação de fotógrafos amadores e profissionais de jornais, sindicatos e movimentos

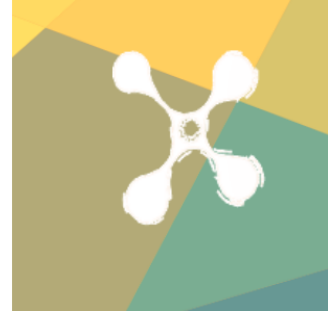


sociais. No entanto, nesse protesto específico, o que chama a atenção é o elevado número de profissionais da imprensa atingidos violentamente.

No espacial, foram ouvidos três repórteres fotográficos: Jardiel Carvalho; Amauri Nehn; e Karina Iliescu. Jardiel Carvalho foi atingido por uma pedra, que ricocheteou em sua máscara de acrílico e feriu sua mão. Amauri Nehn foi atacado pelas costas e teve sua objetiva quebrada. Karina Iliescu teve seu equipamento fotográfico destruído por um segurança do metrô.

Questionado por Chavedar sobre o porquê da perseguição à imprensa, Amauri apresenta sua hipótese: talvez os policiais não quisessem que a imprensa estivesse lá porque eles estavam fazendo “algo errado, pegando manifestantes, prendendo, agredindo, não queriam que esse momento fosse registrado” (Nehn, 2021). Karina também acredita que a imprensa é atacada porque eles não querem que aquilo seja documentado. Além de perder seu equipamento recém-comprado, que foi quebrado pelos seguranças da linha amarela do metrô de São Paulo, a fotógrafa também foi atacada nas redes sociais por apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, que disseram que ela deveria ter apanhado mais. Karina precisou fazer uma vaquinha para substituir os equipamentos.

O relatório *The State of News Photography 2018* (Hadland & Barnett, 2018) aponta que, desde o primeiro estudo, realizado em 2015, havia índices alarmantes de preocupação com a segurança dos fotojornalistas. No estudo mais recente, 91% dos profissionais relataram sentir-se em risco durante suas coberturas. Além disso, 42% indicaram preocupação com lesões físicas ou morte, e mais da metade acredita que esses riscos tendem a aumentar nos próximos anos. Apesar da insegurança crescente, como constatado na análise dos dois episódios, a maioria dos profissionais – 62% – continua expressando satisfação com a profissão, mesmo diante das adversidades (Hadland & Barnett, 2018).

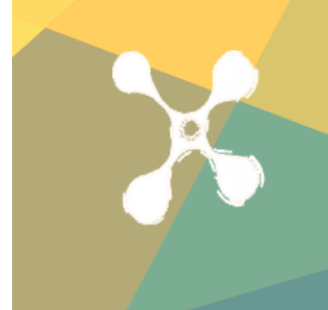


No episódio “#015 - Crise no Jornalismo, fundação da Mídia Ninja e a fotografia documental no Brasil”, Pedro Chavedar entrevista Rafael Vilela, um dos fundadores do Mídia Ninja. Vilela vê a crise do fotojornalismo como parte de uma crise mais ampla que afeta o jornalismo em geral. Segundo ele, essa crise se manifesta na crise de intermediários, pois as pessoas preferem se informar por meio de redes sociais em vez de jornais impressos ou sites de notícias, o que gera um impacto negativo no modelo de negócio. Além disso, na era das demissões em massa, quem permanece em empregos muitas vezes acumula mais funções por um salário igual, em um ambiente altamente precarizado.

Vilela observa que os grandes veículos demoraram a entender a dinâmica das redes sociais e como produzir conteúdos noticiosos digitais. “A maioria dos veículos tem uma incapacidade absoluta de absorver a qualidade jornalística visual que temos no Brasil”, afirma, ressaltando que muitas vezes as redes sociais dos fotógrafos apresentam imagens melhores do que as capas dos jornais. Para ele, a fotografia é mais valorizada fora do Brasil, mas alcançar o mercado internacional requer um trabalho já reconhecido. “Vivemos em um universo que, por ser muito precarizado, é extremamente competitivo, o que gera uma cultura tóxica entre os próprios fotógrafos”, diz Vilela.

Trabalhar como *freelancer*, segundo ele, exige habilidades que vão além do conhecimento técnico da fotografia, incluindo uma compreensão da técnica jornalística e a capacidade de estabelecer relações com editores.

São muitas habilidades específicas que precisam ser integradas para ter acesso a isso. Não há nenhuma mágica; são técnicas de contato, de *networking*, de capacidade de produzir e elaborar. É fundamental ler os jornais e os veículos onde você deseja publicar, entender o que eles estão falando, quais temas e debates



estão em voga, o que já foi publicado e o que ainda não foi. Em essência, cada vez mais acredito que o mais importante são os projetos e pautas que quero desenvolver e como encaixá-los nos veículos; isso é uma consequência do trabalho. (Vilela, 2021)

A segunda crise apontada por Rafael é a crise de credibilidade enfrentada pela imprensa brasileira. Para ele, publicar no exterior também é estratégico, pois, no Brasil, a opinião externa é frequentemente mais valorizada do que a interna, especialmente quando se trata de perspectivas progressistas. Além disso, a viabilidade econômica de viver da fotografia e do jornalismo visual hoje em dia depende, muitas vezes, dessa possibilidade de publicação no exterior, já que é difícil sustentar-se apenas com o que é produzido e consumido no país. O custo dessa precarização é evidente nos jornais brasileiros.

Rafael acredita na importância de se dedicar a histórias de longo prazo. “Você tem que fazer o que você acredita e se posicionar sobre o que quer fazer. As pessoas vão te procurar para isso eventualmente, e você conseguirá emplacar essas pautas à medida que compreende a relevância do seu trabalho para o mundo”. Ele ressalta que essa dedicação ajuda a posicionar o profissional como alguém que entende da história que está contando.

Nos episódios do Boletim do Martin #17 e #26, foram entrevistados dois fotojornalistas de regiões distintas do Brasil: Anselmo Cunha, de Porto Alegre (RS), e Jardiel Carvalho, natural de Arioeses (MA) mas residente em São Paulo desde os 15 anos. Ambos iniciaram suas carreiras durante as manifestações de 2013 e se estabeleceram no fotojornalismo, como grande parte dos profissionais da área, enfrentando a informalidade, mesmo possuindo formação em jornalismo. Assim eles destacam que as condições de trabalho são bastante desafiadoras.



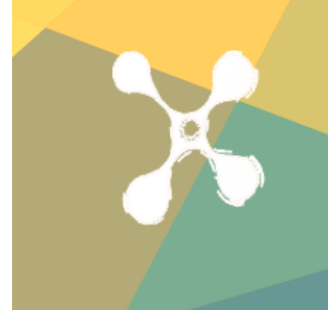
Anselmo Cunha trabalhou em diversas modalidades de contrato no fotojornalismo, desde assessoria institucional até agências de notícias e jornais. Ele afirma que, às vezes, sente que a imprensa e todos que dela fazem parte se tornam reféns de uma fotografia que ele considera básica, além de uma linguagem e identidade limitadas. Em contrapartida, Anselmo observa que “os gringos apostam em narrativas, em projetos longos, em contar histórias com fotos fora da caixa”.

Diante dessa situação, ele ressalta a importância de manter um olhar pessoal para a pauta: “Quando me contratam, estão contratando o meu olhar, não apenas a minha câmera. Dedico-me apenas ao que me atrai e ao que considero interessante”.

A relação de Anselmo com a fotografia vai além do trabalho:

A fotografia hoje em dia é minha profissão, o meu ganha-pão, mas ela é mais do que isso para mim; ela é um estilo de vida. Então, se eu estiver fazendo fotografia, se eu estiver apertando o botão e fazendo clique de coisas que eu não acredito, que eu não gosto, isso me deixa mal, me derruba, sabe? Por uma questão de satisfação pessoal e de me sentir completo, eu tenho que fazer o que gosto. Preciso chegar em casa e ter orgulho do meu material. (Cunha, 2021)

Anselmo também menciona que “o mercado do jornalismo é um mercado maravilhoso para se experienciar, para se viver, mas é muito cruel em função de não ter postos de trabalho.” Ele acredita que, para “furar a bolha” e conseguir publicar o seu trabalho, é necessário muito empenho para aumentar o alcance nas redes sociais, além de ter um bom site, que oferece um caráter mais profissional. O apresentador do *podcast*, Pedro Chavedar, responde a isso com otimismo: “É difícil, mas no final do dia, tem um pote de ouro atrás do arco-íris”.



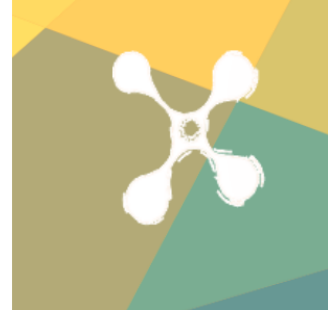
Jardiel Carvalho sempre atuou como *freelancer*, colaborando com agências de fotojornalismo e com a Folha de S. Paulo, para a qual ainda presta serviços. Ele aponta algo interessante: acredita que 2013 marcou uma mudança no padrão estético dos jornais, com a emergência de novos talentos, muitos deles bastante jovens, que começaram a ter visibilidade e, inclusive, ganhar prêmios. Ele observou que as melhores fotografias daquele evento não estavam nas páginas dos jornais, mas sim em *blogs* e em redes sociais. Foi nesse contexto que surgiram muitos coletivos de fotojornalismo; embora já existissem coletivos de jornalismo antes, os dedicados especificamente à fotografia emergiram após as manifestações de 2013.

O fotógrafo acredita que o fotojornalismo enfrenta uma crise e está convencido de que isso é uma constante na área. Ele afirma que “a responsabilidade afetiva é o que define ser fotógrafo no mundo; a gente tem que ter essa responsabilidade afetiva com as coisas, não é fácil para ninguém [...] Se fosse algo em que eu não acreditasse, eu simplesmente não faria” (Carvalho, 2021). Diante da crise e como resposta à exploração financeira e à baixa remuneração oferecida por agências, Carvalho fundou, junto com colegas, o coletivo fotográfico R.U.A, visando resistir às condições impostas pelo mercado.

#### 4. Conclusões

Os estudos sobre jornalismo têm se aprofundado na análise de seus impactos tanto nos modos de produção quanto na recepção de conteúdo. No contexto atual de globalização, prever o futuro do jornalismo torna-se uma tarefa arriscada, marcada pela incerteza e pela falta de respostas claras (Zelizer, 2016). As transformações trazidas pela convergência tecnológica ainda são incalculáveis; por exemplo, nos anos 2000, poucos imaginavam que,



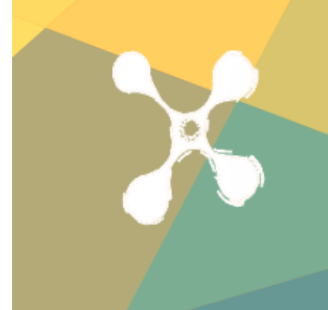


em 2024, fotojornalistas estariam utilizando drones para captar imagens em ângulos antes inacessíveis. Compreender essas mudanças é reconhecer que elas impactam intensamente todo o ecossistema do jornalismo. Embora as pesquisas na área não funcionem como uma 'bola de cristal' capaz de prever as mudanças futuras, elas podem apontar tendências importantes. Para isso, é fundamental estabelecer conexões sólidas entre profissionais, pesquisadores e docentes de jornalismo (Zelizer, 2016), permitindo trocas frutíferas e necessárias para enfrentar os desafios do setor.

Por mais que existam diversas pesquisas sobre jornalismo e os desafios que os profissionais vivenciam, é essencial ressaltar a necessidade de aprofundar as investigações sobre os impactos específicos aos repórteres fotográficos. Sua função, ligada à visualidade, traz singularidades que outras pesquisas em jornalismo podem não contemplar. Outro ponto a ser destacado é a escassez de fontes de informação primárias sobre fotojornalistas. Apesar de serem profissionais que trabalham com imagem, há pouca visibilidade para essa profissão no meio social. O Boletim do Martin se destaca como uma das poucas iniciativas a se dedicar quase integralmente ao fotojornalismo e à fotografia documental, oferecendo uma visão detalhada sobre metodologias de trabalho, situações laborais e projetos autorais de uma geração de fotojornalistas.

Durante a análise geral dos episódios do *podcast* Boletim do Martin, foram abordados problemas sob vários aspectos, como segurança laboral, precariedade de remuneração e o estabelecimento de um espaço ativo no mercado de trabalho. Em pelo menos quatro episódios, foram discutidos temas como a rede de relações para obter contatos de editores e oferecer pautas, evidenciando que o mercado brasileiro de fotojornalismo para *freelancers* é complexo e restrito.

Os entrevistados também destacaram a possibilidade de trabalhar para agências internacionais, citando dois motivos principais: o primeiro é a remuneração, que costuma

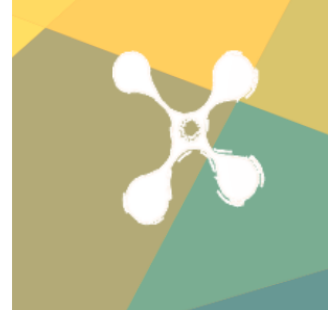


ser mais alta; o segundo é a oportunidade de publicar pautas mais autorais, o que, em teoria, poderia aumentar o alcance e o valor de seu trabalho.

Um dos principais dilemas destacados pelos entrevistados e reforçado pelo apresentador é a desvalorização financeira da atividade, especialmente no contexto das agências de fotojornalismo. Com a introdução de novos modelos contratuais e a flexibilização dos pagamentos, os profissionais *freelancers* são os mais afetados. O relatório *The State of News Photography: The Lives and Livelihoods of Photojournalists in the Digital Age* (2015) revela preocupações crescentes em relação às transformações nas condições de trabalho dos fotojornalistas. Embora esses novos arranjos proporcionem maior flexibilidade, há um agravamento da precarização, resultando em contratos instáveis e aumento da pressão por resultados. Esse cenário tem gerado um impacto negativo na saúde mental e física dos profissionais, evidenciado pelo aumento do estresse e pela sensação de insegurança. A falta de vínculos empregatícios formais agrava esse problema, uma vez que, apesar do trabalho se tornar mais desgastante, não há garantias de suporte médico e psicológico, o que configura uma preocupação constante.

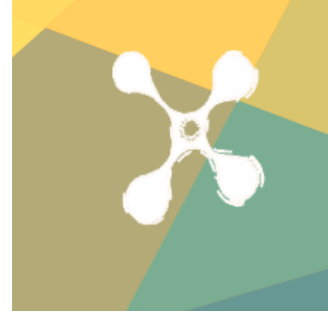
Nesse contexto, é possível compreender que os fotojornalistas brasileiros enfrentam desafios semelhantes aos observados globalmente, conforme indicado pelos relatórios de 2015, 2016 e 2018. Embora tenham se adaptado gradualmente às novas realidades da convergência digital, a precarização das condições de trabalho tem se intensificado. Apesar das dificuldades, muitos profissionais mantêm uma forte relação vocacional com o fotojornalismo, enxergando-o não apenas como uma fonte de renda, mas como um propósito de vida. Essa conexão se reflete no engajamento em projetos autorais, muitas vezes sem remuneração direta, mesmo diante da baixa compensação financeira.

O cenário brasileiro evidencia essa dualidade: apesar das adversidades e da fragilidade da segurança dos profissionais em coberturas, uma expressiva maioria dos fotojornalistas



encontra satisfação em sua atividade. Dados dos relatórios indicam que aproximadamente dois terços dos entrevistados expressaram contentamento com a profissão, valorizando a oportunidade de expressão criativa e realização pessoal. As falas dos profissionais entrevistados no *podcast* corroboram com essas ideias, demonstrando um profundo apreço pela atividade, frequentemente movidos por motivações não financeiras, o que evidencia sua paixão e compromisso com o fotojornalismo.

Em linhas gerais, a análise do Boletim do Martin traz à tona os desafios enfrentados pelos fotojornalistas brasileiros e destaca a importância de uma abordagem mais integrada e detalhada nas pesquisas sobre o campo. À medida que a convergência midiática continua a moldar o futuro do jornalismo e do fotojornalismo, é crucial que pesquisadores e profissionais explorem as mudanças em curso. O compromisso com a pesquisa aprofundada e a colaboração entre as diferentes partes interessadas serão fundamentais para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades emergentes.



## Referências

ANCINE. (2004, 28 de janeiro). *Instrução Normativa N.º 23*. Brasília, DF: Brasil. Disponível em <https://antigo.ancine.gov.br/pt-br/node/5016>

Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

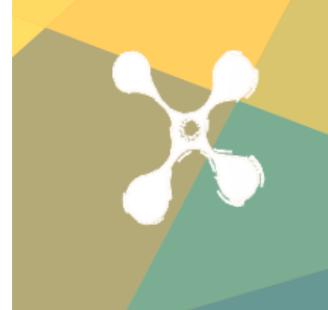
Boletim do Martin. (2021). [Locução de Pedro Chavedar]. *Podcast*. Spotify. Disponível em <https://open.spotify.com/episode/6AHXCdGo5ZeMkV1qTfpZP3si=e78ea4b14b0e450d>

Charron, J., & Bonville, J. (2016). Introdução: Natureza e transformação do jornalismo. In *Natureza e transformação do jornalismo* (pp. 27-64, 123-160). Florianópolis: Editora Insular.

Deuze, M. (2005). What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. *Journalism*, 6(4), 442-464.

Deuze, M., & Witschge, T. (2016). O que o jornalismo está se tornando? *Parágrafo*, 4(2), 7-21.

Hadland, A., Campbell, D., & Lambert, P. (2015). *The state of news photography: The lives and livelihoods of photojournalists in the digital age*. Oxford: University of Oxford. Disponível em <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/state-news-photography-lives-and-livelihoods-photojournalists-digital-age>



Hadland, A., & Barnett, C. (2018). *The state of news photography 2018: Photojournalists attitudes toward work practices, technology and life in the digital age*. Oxford:

University of Stirling. Disponível em

<https://www.worldpressphoto.org/education/research/the-state-of-news-photography-2018>

Hadland, A. (2018). *Photographers are struggling with money, ethics, and work in the digital age: Our new research report*. Disponível em

<https://witness.worldpressphoto.org/photographers-struggling-with-money-ethics-work-in-the-digital-age-new-2018-study-9c7613baf926>

Herscovitz, H. G. (2010). Análise de conteúdo em jornalismo. In C. Lago & M. Benetti (Orgs.), *Metodologia de pesquisa em jornalismo* (3. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência* (2. ed.). São Paulo: Aleph.

Lima, S. P., Mick, J., et al. (2021). *Perfil do jornalista brasileiro 2021*. Florianópolis: Quorum Comunicações. Disponível em <https://perfildojornalista.ufsc.br/>

Silva, G. N. da. (2022). *As fontes de podcast Mamilos: Uma proposta de análise audioestrutural* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz).

Silva Junior, J. A. da. (2011). *O fotojornalismo depois da fotografia: Modelos de configuração da cadeia produtiva do fotojornalismo em tempos de convergência digital* [S.l.].



Sousa, J. P. (2004). *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas.

Steensen, S., & Ahva, L. (2015). Theories of journalism in a digital age. *Journalism Practice*, 9(1), 1-18. <https://doi.org/10.1080/17512786.2014.928454>

Zamith, R., & Braun, J. A. (2019). Technology and journalism. In T. P. Vos & F. Hanusch (Eds.), *The international encyclopedia of journalism studies*. New York: John Wiley & Sons.

Zelizer, B. (2009). Going beyond disciplinary boundaries in the future of journalism research. In M. Löffelholz & D. Weaver (Eds.), *Global journalism research: Theories, methods, findings, future* (pp. 253-266). Wiley Blackwell.